

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS
CURSO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA :
realidade e perspectivas

CLAUDIENE SANTOS

UBERLÂNDIA - MG

1994

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS
CURSO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:
realidade e perspectiva

CLAUDIENE SANTOS

Monografia apresentada à
Coordenação do curso de
Ciências Biológicas da
Universidade Federal de Uber-
lândia, para obtenção do
título de Bacharel em Ciências
Biológicas.

UBERLÂNDIA - MG

1994

Profa. Nora Ney Santos Barcelos
Orientadora

ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA :
realidade e perspectiva

Nora Ney Santos Barcelos
orientadora

Maria Dorothea Paiva Nazaré
1o Conselheiro

Sônia A. Alves Gonçalves
2o Conselheiro

UBERLÂNDIA-MG

1994

À Deus;
À minha mãe;
Ao meu noivo.

AGRADECIMENTOS

Às profas. Vera Lúcia de Campos Brites e Ana Maria Bonetti pelo grande incentivo e por me ajudarem a encontrar meu caminho;

À grande amiga Edna, secretária ;

Aos amigos e colegas de curso, especialmente aos membros do PET;

À profa. Ana Maria Coelho Carvalho, coordenadora do Curso de Ciências Biológicas;

Às minhas irmãs Flávia e Nayara;

A todos os educadores que contribuíram para a conclusão desse trabalho;

À profa. Nora Ney Santos Barcelos pela paciência e dedicação durante a realização desse trabalho.

ÍNDICE

	p.
I - INTRODUÇÃO.....	08
II - MÉTODO.....	13
III - RESULTADOS E DISCUSSÕES	15
3.1- Realidade e expectativa de educadores frente à Orientação Sexual.....	15
3.2-Relato de experiência em Orientação Sexual..	25
IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
VI - ANEXOS	46

I - INTRODUÇÃO

A sexualidade é um tema que frequentemente gera dúvidas, ansiedades e conflitos tanto nos adolescentes quanto naqueles que com eles se relacionam - pais, educadores, etc.

Os meios de comunicação em grande parte das vezes passam uma visão distorcida da realidade, ensinando falsos valores e confundindo ainda mais a cabeça dos adolescentes. É a informação pela informação sem que haja qualquer tipo de reflexão ou questionamento. Neste sentido, diversos estudos têm sido realizados (GOUVEIA, 1990; VITIELLO & VITIELLO, 1993), mostrando a grande, muitas vezes negativa, influência da televisão, imprensa e rádio no cotidiano das pessoas. Esta influência é notadamente acentuada e raramente questionada induzindo comportamentos de acordo com a conveniência desses meios. Em virtude disso, pais e educadores parecem se sentir cada vez mais despreparados para enfrentar um tema tão abrangente como esse.

Para Spiegel (1961 IN TONELLO, 1984)" a emergência da sexualidade atua como uma força que invade o adolescente, sem que este possa vivê-la como uma expressão de si mesmo, e em um momento em que o corpo conhecido, (da Infância), está se transformando em direção a um novo, (corpo adulto), apenas imaginado ou pressentido .

Por que tanto embaraço por parte dos educadores e educandos quando alguma pergunta referente a sexo é feita ?

As perguntas das crianças,feitas de forma direta,deixam os educadores desconcertados e sua atitude mais comum é respondê-las evasivamente. Os adolescentes,em geral,não se sentem à vontade para indagar e acabam simulando indiferença em relação às suas dúvidas e,ou ficam repletos delas ou procuram se informar por meio de revistas,colegas mais velhos,fantasiando a realidade em grande parte das vezes. Os pais preferem protelar as respostas ou ignorar as perguntas dos filhos pensando que quando chegar a hora certa eles aprendem. O problema é que, em muitos, casos essa hora jamais chega.

Um aspecto marcante neste contexto,é a crença de que ao informar o adolescente poderia estar-se incentivando a sua precoce iniciação sexual. Maia et al (1993) verificou que no Brasil 82% dos rapazes e 39% das moças têm relações sexuais antes do casamento e, a idade média do primeiro coito é de 16,9 anos para moças e 15 anos para os rapazes.Cuidados com anticoncepção não acompanham o início da atividade sexual.Prova disto é que 26% da população feminina entre 15 e 24 anos já engravidou e em 40% dos casos isso não era desejo delas; a gravidez na adolescência,as Doenças Sexualmente Transmissíveis- DST e a AIDS não são suas maiores preocupações.Além disso estão presentes mitos,tabus e desconhecimento sendo que 28% dos homens e 34% das mulheres acreditam que a masturbação faz mal à saúde e ainda : " a mulher não deve ter relações sexuais durante a gravidez" ou a mulher não pode engravidar em sua primeira relação sexual."

Em relação aos valores sociais e morais,o adolescente reivindica posturas liberalizantes mas ainda mantém muitos preconceitos.Há ainda muitos conflitos em sua mente nesta fase e a ambigüidade de suas emoções e sentimentos é evidente.

Diante disso, como deve ser a educação sexual?

Em primeiro lugar, é preciso diferenciar educação sexual de orientação sexual.

De acordo com o Guia de Orientação Sexual (1994) a educação sexual "inclui todo o processo informal pelo qual aprendemos sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia."

Já a Orientação sexual é um processo de intervenção sistemático na área da sexualidade, realizado principalmente nas escolas. "A Orientação sexual abrange o desenvolvimento sexual compreendido como : saúde reprodutiva, relações interpessoais, afetividade, imagem corporal, auto-estima e relações de gênero. Enfoca as dimensões fisiológicas, sociológicas, psicológicas e espirituais da sexualidade, através do desenvolvimento das áreas cognitiva, afetiva e comportamental incluindo as habilidades para a comunicação eficaz e a tomada responsável de decisões."

Mas afinal, a quem cabe o papel de orientador sexual ?

A opinião de que a educação sexual deve ser obrigação primeiramente dos pais é unânime para diversos autores (BERGER, 1990 ; CHARBONNEAU, 1979). Concordamos que é de suma importância que a educação sexual seja realizada em casa, pelos próprios pais. Entretanto, diversos fatores dificultam o entendimento entre pais e filhos com relação a este tema. São eles: Não discussão de assuntos ligados a sexo, omissão, respostas incompletas ou erradas, censuras e dificuldades de comunicação, ignorância, pouca disponibilidade de tempo, mau relacionamento dos pais, etc. (BERGER, 1990), além de valores pré- estabelecidos e desconhecimento do assunto por de muitos pais.

Neste contexto, o que acontece então, é a perpetuação de mitos

desinformação e ignorância à respeito da sexualidade. Muitas vezes o que se observa é a transferência total responsabilidade, onde os pais remetem à escola a função de educar sexualmente seus filhos.

Mas como fica a escola diante desta situação ?

Acreditamos que a (in)formação do adolescente seja de extrema importância e ainda, que a escola pode e deve orientar sexualmente seus alunos. No entanto, somos contrários à inclusão da mesma no currículo escolar devido à necessidade de preparo, aprofundamento e formação de um quadro maior de profissionais ligados à área. Somos favoráveis à implantação de um programa de Orientação Sexual na forma de projetos sistemáticos, por uma equipe bem preparada e capaz de atender gradativamente os adolescentes da escola, em seus aspectos bio-psico-sociais.

No Brasil, vários grupos têm começado a realizar trabalhos desta natureza, atingindo números cada vez maiores de adolescentes. Em Campinas, Silva iniciou seu trabalho em 1984 com apenas uma escola e, em 1990 a orientação sexual já era efetiva em 32 escolas. Werebe (1978 IN FAGUNDES, 1993) constatou a existência de atividades de educação sexual em quinze estados brasileiros; em 1979, Barroso & Bruschini (1983 IN FAGUNDES, 1993) desenvolveram um programa de educação sexual com jovens de dezesseis e dezessete anos da periferia de São Paulo e de colégios públicos e particulares, leigos e religiosos . Destacam-se ainda a implantação de orientação sexual para alunos das escolas municipais de São Paulo, coordenados por Suplicy; em Belo Horizonte a proposta educacional do Sistema Pitágoras de Ensino "Trabalhando com a Sexualidade " e, em Recife, o Projeto de Educação Sexual para a Comunidade

Escolar, da Secretaria Municipal da Educação (FAGUNDES, 1990). Em Uberlândia temos o NEIA -Núcleo de estudos da infância e adolescência - responsável por projetos de Orientação Sexual junto a escolas da comunidade.

Diante desses pressupostos que retratam a necessidade que o adolescente tem de ser esclarecido em suas dúvidas, do significado da Orientação Sexual para a escola e do papel do educador neste processo, esta pesquisa possibilitou investigar:

-Se os educadores estão trabalhando a questão da sexualidade com seus alunos adolescente.

-Quais são as explicações apresentadas por eles , para justificar a existência ou não deste trabalho no cotidiano escolar?

-Qual é a dimensão deste trabalho?

Portanto, esta pesquisa possibilitou alcançarmos os seguintes OBJETIVOS :

* detectar quais são as dificuldades sentidas pelos educadores com relação ao desenvolvimento de um trabalho em sexualidade humana ,com adolescentes, bem como o porque destas dificuldades.

* Executar uma proposta de Orientação Sexual já existente, com vistas a uma análise criteriosa dos resultados para fins de relato de uma experiência.

Por tudo isso, esperamos que os resultados obtidos dessa pesquisa possam sensibilizar educadores, motivando-os a realizarem um trabalho como este, de cunho educativo, preventivo, informativo e premente no nosso cotidiano escolar. Um trabalho que realizado, contribua para a (in)formação não somente dos adolescentes escolares, mas também extra escolares sobre

todas as questões ligadas à sexualidade

II - MÉTODO

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa pois envolveu a obtenção de dados descritivos no contato direto do observador com a situação estudada, enfatizou mais o processo que o produto e se preocupou em retratar as perspectivas dos participantes (BODGAN & BIKLEN, 1986 IN LUDKE, 1986).

A coleta de dados foi realizada com dois grupos de educadores, assim denominados amostra 1 e 2. A amostra 1 foi escolhida aleatoriamente em escolas da Rede Municipal, Estadual e Particular de Uberlândia - MG, independente da escola estar realizando ou não um trabalho de Orientação Sexual e se compõe de cinquenta e três educadores de dezessete escolas. A estes educadores foi aplicado um questionário, Anexo 1. Dessa amostra pelo menos um educador de cada escola, atua no Ensino Fundamental.

A amostra 2, constituiu-se de dezesseis educadores de escolas diversificadas, bem como por acadêmicos do Curso de Psicologia - UFU que estão participando de um Curso de Capacitação em Orientação Sexual na UFU, coordenado pela professora Nora Ney Santos Barcelos. Com este grupo realizamos uma entrevista semi - estruturada (LUDKE, 1986) conforme Anexo 2.

Posteriormente, numa terceira etapa, junto à equipe do Colégio Oswaldo Cruz, COC, DE Uberlândia participamos efetivamente do desenvolvimento de uma proposta de Orientação Sexual, com alunos de duas salas de sétima série, diurno.

III - RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1- Realidade e perspectivas de educadores frente a Orientação Sexual

Das necessidades de: internalizar o pensamento, assumir uma postura crítica e aprofundar neste vasto universo da sexualidade e que surgem as principais queixas dos educadores ao se enveredarem por estes caminhos.

Nosso estudo nos permitiu ter uma noção da realidade dos educadores frente a Orientação Sexual e suas perspectivas em relação a ela, isto porque coletamos dados com educadores de modo geral, amostra 1 e, posteriormente com um grupo menor de educadores, amostra 2.

Iniciaremos apresentando os resultados obtidos na amostra 1, que se constitui de cinquenta e três educadores, observamos que a maioria -45,3% está concentrada na faixa etária de 25 a 35 anos de idade enquanto, 34,0% têm entre 35 e 45 anos e, ainda que 81,1% são mulheres e 18,9% são homens.

A tabela I nos mostra o nível de interesse e as faixas etárias nas quais se encontram os educadores da amostra 1.

Faixa etária	educadores com interesse pela O.S.	educadores sem in- teresse pela O.S.
>25	05	-----
25---35	17	07
35---45	09	09
45---55	02	02
> 55	-----	01
não informou		01
Total	33	20

Tab.I- Faixa etária e nível de interesse da amostra 1 por Orientação Sexual.

Dentre estes educadores, 62,3% têm interesse em trabalhar com a sexualidade na adolescência e os demais - 37,7% desinteressam-se pelo assunto (Tab.I).

- As justificativas apresentadas pelos interessados foram :
- * "Necessidade de informar e orientar o jovem quanto à função real do sexo bem como os caminhos que podem ser percorridos ";
 - * "Importância e problemática do tema ";
 - * "Para sanar problemas da adolescência decorrentes da desinformação ";
 - * "Para melhorar minha prática educacional ";
 - * "Para orientar meus filhos e meus alunos ";
 - * "Acho muito interessante participar desse momento, que propõe uma mudança nos valores da sociedade de forma mais atuante ";
 - * "Percebo a falta de informação por parte dos pais e acho que é fundamental que as crianças sejam orientadas na escola ";
 - * "Pelo grande número de informações repassadas pelos meios de

comunicação e pela necessidade de trabalhá-las adequadamente contribuindo na formação do jovem."

Refletindo acerca destas constatações percebemos que questões ligadas à sexualidade emergem no cotidiano da sala de aula provocando nestes educadores inquietações capazes de despertar-lhes para uma busca de (in)formações neste sentido. É interessante notar, por estes depoimentos que diversos aspectos foram enfatizados como :a questão dos valores,o questionamento das informações veiculadas pelos meios de comunicação, conduta do adolescente, que a meu ver são indagações relacionadas aos limites, respeito e a tantos outros valores hoje em dia deixados de lado.

Quanto à execução de alguma atividade referente à sexualidade humana, por parte destes educadores, observamos que :

- 45,5% deles já se envolveram em algum tipo de atividade.
- 54,5% ainda não o fizeram.

As atividades já realizadas por eles nas diversas escolas são : leitura de livros sobre o assunto em sala de aula, debates com ênfase no sistema reprodutor, trabalho manual com massinhas com adolescentes de quarta série no noturno, palestras ministradas por professores da própria escola e orientação de alunos por professora conselheira.

Os principais motivos apresentados pelos educadores que ainda não desenvolveram nenhum tipo de atividade em Orientação Sexual se devem a :

- falta de tempo, preparo e oportunidade;
- mentalidade ultrapassada dos dirigentes;
- falta de material pedagógico e;
- insegurança.

Foi possível observar que os aspectos da sexualidade humana trabalhados por estes educadores, se restringem mais ao campo biológico. No entanto, já existe uma preocupação com os aspectos psico - sociais da sexualidade e, sobretudo, uma tendência de se efetivar uma reflexão mais ampla e aprofundada à respeito de todos os aspectos relacionados inclusive, com sua própria sexualidade.

Os educadores que não apresentam nenhum interesse pela Orientação Sexual, correspondem a 37,7% da amostra total. Destes, 30,0% já participaram como ouvintes de algum tipo de atividade ligada à sexualidade como : curso ou projeto de Orientação Sexual, filmes, debates e palestras. Os demais, 70,0% por enquanto em nada participaram.

As justificativas apresentadas pelos educadores desinteressados por Orientação Sexual foram, para:

- 36,8% por falta de aptidão;
- 26,3% por despreparo;
- 21,0% pelo desinteresse mesmo;
- 5,3% pela falta de tempo;
- 5,3% pela educação repressora e;
- 5,3% por falta de oportunidade.

Analisando-se estes dados observamos que a grande maioria, 89,5%, têm dificuldades de caráter pessoal, as quais se trabalhadas poderiam fazer com que estes educadores viessem a se interessar pela Orientação Sexual em um projeto interdisciplinar.

É importante observar que dos educadores que mais se interessam por Orientação Sexual :

- 51,5% estão na faixa etária de 25 a 35 anos, seguida por;
- 27,3% que estão entre 36 e 45 anos.

Enquanto que entre os desinteressados, estão :

- 45,0% na faixa etária de 35 a 45 anos , em seguida por;
- 35,0% entre 25 e 35 anos.

Estes dados, porém não nos permitem afirmar que a idade seja um elemento motivador ou não do interesse, pois estas diferenças podem estar relacionadas a diversos fatores, como : o tipo de educação recebida por eles, a qual é responsável pela aquisição de valores epreconceitos,inaptidãooparalidar com a sexualidade, etc. Vale ressaltar que muitos educadores cuja educação foi repressora provavelmente buscaram evoluir, modificando suas posturas e assumindo sua real função: a de educar para a vida !

Ao iniciarmos uma análise do comportamento observado nos educadores verificamos que suas atitudes transmitem suas posturas, e o nível de suas reflexões. Para Tonello (1984) "o adulto ao orientar sexualmente o adolescente,geralmente o faz de forma diretiva, atribuindo a esta sexualidade a importância e o significado que ela tem para si próprio,conotando-a com aspectos que refletem suas próprias vivências, aspirações, temores e visão de mundo."

Obviamente, tudo o que lhe foi passado através de sua educação é incorporado e transmitido pelas suas ações de forma verbalizada ou não. A partir do momento que passa a refletir, "o homem vai elaborando e constituindo, histórica e culturalmente, um conjunto de posturas, exigências, regras e interdições, cerimônias e permissões em torno do sexo, que fazem co que o assunto se torne tão complexo que, de certa forma, transcende o próprio homem "(GUIMARÃES, 1989).

Na tabela II podemos observar o numero de homens e mulheres e seu estado civil.

SEXO	SOLTEIRO	CASADO	DIVORCIADO	NÃO INFORMOU
feminino	18	23	01	01
masculino	08	02	----	----
Total	26	25	01	01

Tab.II - Sexo e Estado civil da amostra 1.

Pela Tab.II, podemos notar que o maior número de educadores da amostra 1 é do sexo feminino e, que existe praticamente o mesmo número entre educadores solteiros e casados.

A tabela III nos mostra a proporção de homens e mulheres interessados e desinteressados e o estado civil dessa amostra.

CATEGORIA	SOLTEIRO	CASADO	DIVORCIADO	NÃO INFORMOU
interessado	17	16	-----	-----
não interessado	09	09	01	01
Total	26	25	01	01

Tab.III - Nivel de interesse e Estado civil da Amostra 1.

Na Tab.III, observamos que 62,3% destes educadores se interessam por Orientação Sexual, enquanto apenas 37,7% desinteressam. Percebemos também, que o estado civil parece não ser um fator que possa interferir na decisão pela Orientação Sexual.

A tabela IV mostra um panorama geral dos educadores interessados e

desinteressados bem como as diversas áreas em que atuam.

Área de atuação	Interessados	Desinteressados
Português/Literatura	03	04
História	03	04
Geografia	02	01
Matemática	04	03
Inglês	02	01
Educação Artística	----	02
Ensino Religioso	01	----
Ciências e/ou Biologia	17	----
Química	01	----
Educação Física	01	01
Supervisão	02	01
Direção	----	02
Ensino Básico (1a.-4a.série)	02	02

Tab.IV- Nível de interesse e área de atuação dos educadores da amostra 1.

Obs. Existem educadores que exercem mais de um cargo.

A Tab.IV nos permite concluir que, todos os professores de Ciências e/ou Biologia sem exceção se interessam por Orientação Sexual. Os demais educadores, de diferentes áreas do conhecimento também se interessam, porém, em menor proporção. O que evidencia a tendência de considerar que é o professor de Ciências e/ou Biologia a pessoa mais indicada para trabalhar com sexualidade. Apesar da grande maioria dos educadores questionados, 83% ter afirmado que esta ação educativa deva ser responsabilidade de todos os professores, orientador educacional, médico, psicólogo e pais. Apenas 5,7% atribuíram esta tarefa somente ao professor de Ciências.

Consideramos que é de fundamental importância que a equipe de educadores responsável pela Orientação Sexual, conte com apoio e assessoria de médico e psicólogo, mesmo que esta equipe tenha uma formação adequada, pois estes especialistas oferecem uma relevante contribuição, por sua formação clínica.

O fato de um número significativo de professores de Ciências e/ou Biologia apresentar interesse por Orientação Sexual, nos leva a fazer o seguinte questionamento: Será que no Curso de Ciências Biológicas existe a preocupação com a formação deste profissional, nos aspectos psico sociais da sexualidade humana?

As estratégias mais utilizadas pelos educadores são: palestras, debates, leitura de livros e esclarecimento de dúvidas quando estas surgem em sala de aula.

Passaremos à análise da amostra 2,ressaltando que a mesma é constituída por dezesseis educadores de cinco escolas e acadêmicos do Curso de Psicologia, os quais estão atualmente participando de um Curso de Extensão sobre como trabalhar com os recursos psico-pedagógicos em Orientação Sexual. O referido curso é coordenado pela Profa. Nora-Ney Santos Barcelos do Departamento de Biociências da UFU.

Foram citadas como fontes de (in) formação, por:

- . 85,7% Leitura de livros
- . 78,6% Curso de Orientação sexual, Jornada de Educação sexual, Congresso
- . 71,4% Nenhuma formação específica
- . 21,4% Seminário, Estágio acadêmico

Embora a grande maioria destes educadores não tenham uma formação específica, eles procuram se informar através de cursos, congressos e leitura.

As estratégias mais utilizadas por este grupo até os dias atuais, foram palestras e apresentação de filmes. No entanto, já pretende executar um projeto e, alguns já estão iniciando.

O grau de interesse e a experiência dos educadores desta amostra, foram subdivididos em três categorias, conforme Tab.V a seguir:

Categoria	Numero de educadores
A	01
B	08
C	07
Total	16

Tab.V Número de educadores por categoria

Na categoria A- estão os educadores que já têm experiência com Orientação Sexual, na forma de projeto sistematizado em sexualidade em sua escola.

Na categoria B- temos educadores, cuja experiência se restringe à exposição de filmes, trabalho assistemático envolvendo apenas um tema como: AIDS, Reprodução humana e esclarecimento de dúvidas quando surgem.

Na categoria C- estão os educadores que não têm experiência com o assunto sexualidade, porém têm interesse.

Deste grupo de educadores:

- . 50,0% desenvolvem ou já desenvolveram algum tipo de trabalho
- . 31,2% pretendem fazê-lo brevemente
- . 18,8% não desenvolveram ainda nenhum tipo de trabalho

As principais dificuldades encontradas no dia a dia, que levaram estes educadores a procurar o referido curso de capacitação, foram:

"Saber o que ensinar como certo e errado."

"Como ensinar, sem passar apenas nossos valores e preconceitos."

"Grande inexperiência."

"Necessidade de maior aprofundamento e subsídios para nos orientarmos."

"Dificuldade de lidar com a subjetividade em relação às atitudes pessoais, para evitar os modelos."

"Lidar com a própria sexualidade "

"Preconceito em relação ao homossexualismo, principalmente masculino, bem como a necessidade do resgate da afetividade frente à isso."

"Lidar com as brincadeiras relacionadas à sexualidade no cotidiano da escola, como apelidos, carinho, preferências, hábitos, comparações, posturas etc.

"Trabalhar com neutralidade de forma a evitar a exposição de sua conduta pessoal."

Todas estas queixas são comuns entre educadores que se propõem trabalhar com Orientação Sexual, as quais vão sendo superadas naturalmente à medida que vai ocorrendo a apropriação do conhecimento e sua articulação com a experiência.

Cabe aqui fazer uma observação sobre a primeira queixa pois, é a que nos chamou mais a atenção , por retratar a busca de um modelo de ensino, numa área que trata do comportamento humano e das suas relações interpessoais. Deve-se evitar dizer o que é certo e errado para adolescentes de diferentes níveis socio - culturais. Isso não quer dizer que o Orientador Sexual deve deixar de discutir sobre aspectos favoráveis e desfavoráveis ao referentes ao bom relacionamento humano.

Cabe ao adolescente fazer suas próprias opções, pois só assim, será capaz de definir sua personalidade e identificar sua própria sexualidade, a partir de reflexões mais aprofundadas acerca de

si mesmo e de seus valores.

3.2- Relato de experiência em Orientação Sexual

Para que um programa de Orientação Sexual seja adequado, útil e eficaz alguns fatores devem ser considerados:

- a sensibilidade e formação do educador que deseja trabalhar como orientador sexual, uma vez que ele deve estar atento a todas as situações emergentes do cotidiano escolar e como tal, saber lidar com elas de forma a esclarecer as dúvidas do adolescente, no sentido de ampliar sua capacidade de tomar decisões. Para isso, este educador deve ter um profundo conhecimento bio-psico - social da sexualidade na adolescência.
- o comprometimento da escola com Orientação Sexual, pois o caráter de obrigatoriedade pode tornar o programa de Orientação Sexual enfadonho, acritico e, principalmente realizado por educadores despreparados.

Desde que observados estes fatores, compete a estes educadores fazer uma leitura da escola, ou seja, conhecer as reais necessidades dos alunos adolescentes, com vistas a implementação do Programa de Orientação Sexual, norteados por alguns princípios básicos:

- informar, prevenir e educar os adolescentes para a prática de uma sexualidade saudável, trabalhando corretamente os questionamentos que são os mais diversificados possíveis, desde os papéis e desempenho sexuais, implicações do exercício da sexualidade e anatomo-fisiologia dos órgãos sexuais.
- os meios de comunicação nem sempre conseguem "comunicar", ou seja esclarecer todas as dúvidas de seu público jovem, deixando lacunas, em geral preenchidas por informações errôneas.
- o orientador sexual deve:

- * ser uma pessoa que tem consciência e segurança para lidar com as angústias, confusões, medos e conflitos sexuais oriundos dessa fase de vida e das múltiplas pressões familiares e sociais que cercam os adolescentes;
- * ser flexível, sensível, e confiável;
- * ter consciência da sua própria sexualidade, aceitando-a e vivendo-a de maneira positiva, saudável e coerente consigo próprio;
- * compreender os problemas comuns que a criança e o adolescente enfrentam em seu desenvolvimento psico-social;
- * ter empatia para compreender e orientar o educando nos casos em que este solicitar ajuda pessoal;
- * ter uma clara consciência das mudanças sócio-culturais do meio e sua influência nos diferentes padrões de comportamento sexual.
- * utilizar a linguagem com facilidade e naturalidade, sem eufemismos nem vulgaridade, para transmitir a mensagem de forma clara e simples;
- * estimular em seus orientandos a aquisição livre e consciente de valores próprios, sem impor seus padrões e valores;
- * ter cautela para não cair em extremos de converter-se em moralizador ou desagregador;
- * conhecer suas próprias limitações como orientador ou terapeuta sexual.

Cabe ainda ao orientador sexual:

-Fazer o planejamento das atividades com base no nível de amadurecimento intelectual, bio-psico-social, necessidades dos adolescentes e no número de educadores disponíveis para executarem o programa.

-Comunicar aos pais a existência do programa, solicitando a autorização dos mesmos para a participação de seus filhos nas atividades propostas.

Por acreditar na relevância deste programa em Orientação Sexual,

uma equipe de educadores do Colégio Oswaldo Cruz em Uberlândia, já sensibilizada e se preparando mais através do curso de Capacitação de Orientadores Sexuais anteriormente citado, se propôs desenvolvê-lo. É exatamente os resultados parciais desta experiência que aqui serão tratados, pois foram acompanhados com muito rigor, durante esta pesquisa.

Para garantir a implantação e continuidade deste programa na escola, a equipe é composta de três educadores, sendo que eles atuam como: orientadora educacional, profa. de Ciências e a profa. de Português, com supervisão da profa. Nora- Ney Santos Barcelos da Universidade Federal de Uberlândia. Este programa é uma adaptação de uma proposta de Barcelos et al (1994) da referida supervisora, a qual já foi executada em várias escolas.

Portanto, em Março de 1994 o programa foi implantado na escola, em um encontro mensal, com duração de três horas de atividades, em duas salas de sétima série e, previsão para ser realizado em sete encontros. O objetivo maior é ajudar o aluno a entender o seu desenvolvimento e comportamento, contextualizado na família, escola e sociedade, nesta fase de sua vida. Para isso, foram desenvolvidas atividades para trabalhar diversos assuntos numa perspectiva de iniciar um processo de reflexão sobre a seguinte questão: **QUEM SOU EU E O OUTRO ?**

Nos encontros, procuramos não dar a impressão de "sala de aula" vista tradicionalmente. Para isso, na maioria das vezes as atividades são trabalhadas com os alunos dispostos em círculo e/ou em grupo, de modo que todos possam ver uns aos outros. São utilizadas técnicas como: dinâmicas de grupo, recursos áudio-visuais (video-cassete), dramatização, grupos de trabalho, debates e discussões sobre o tema.

No primeiro e segundo encontros tivemos o intuito de promover a interação e a descontração entre os adolescentes e a equipe.

A fim de estabelecermos o clima de descontração necessário para o bom andamento desse trabalho, fechamos um contrato verbal com os adolescentes e a equipe, onde cada membro comprometeu-se a cumprir as seguintes normas internas:

- deixar a vergonha do lado de fora;
- não fazer gozações com os colegas, respeitando suas opiniões;
- não ter receio de expor suas dúvidas;
- sigilo, ou seja, os comentários feitos pelo grupo não devem ser divulgados fora da sala de aula, principalmente devido à falta de maturidade das pessoas não envolvidas;
- respeitar a opinião de todos os membros do grupo como gostariam que a sua fosse respeitada;
- ser autênticos, ou seja, colocar suas opiniões e vivências sem precisar mentir ou inventar (BERESTEIN, 1988: 76).

Iniciamos nossas atividades com uma apresentação dos adolescentes através de um crachá no qual cada aluno escrevia o nome do colega à sua direita e nele o colocava. Em seguida solicitamos que cada um falasse sobre si e suas expectativas em relação à esse projeto. Essa dinâmica gerou comentários do tipo:

"Puxa! Como eu sou importante!" pré-adolescente ao ter o crachá colocado em si.

"Veja lá onde você põe a mão, hein!" alunas ao terem o crachá colocados em si pelos rapazes.

Para concluir, foi colocada a seguinte questão: O que vocês perceberam e sentiram durante esta atividade? As respostas foram:

_" Alguns não colocaram o cracha, apenas o entregaram na mão do

colega."Isso aconteceu principalmente quando os rapazes iam colocar o crachá nas moças.

- "Alguns meninos colocaram o crachá batendo com força nos outros."

Isso aconteceu principalmente entre rapazes.

Todos gostaram muito da atividade e assim isso pudemos verificar o quanto foi importante o contato físico entre eles e o quão isso está longe de sua realidade diária.

Em nossa proposta, os temas a serem abordados bem como a ordem em que aparecerão ao longo dos encontros são determinados pelos próprios adolescentes. Essa é uma característica muito interessante, visto que nem sempre o que consideramos mais importante coincide com os anseios e prioridades deles. Procedemos assim para que eles percebam que seus interesses serão sempre ouvidos, respeitados e trabalhados.

Deste modo, para dar continuidade, fizemos um **acróstico** com a palavra **adolescência** onde eles iam dizendo palavras relacionadas a sexualidade conforme mostrado abaixo:

Ansiedade, alegria, amor, AIDS, anticoncepção, aborto;

Dúvida, desejo, dinheiro, drogas, discussão, doenças;

Ódio, orgasmo;

Liberdade, limite, libido;

Estupro, esconder, erotismo, egoísmo;

Sexo, sensualidade, sífilis, sinceridade, sociedade, sapatão;

Ciúme, cólica, coragem, confiança;

Entrega, espancamento;

Namoro, noivado; colocar

Carinho, casamento, corpo;

Inveja, imaturidade, insegurança;

Abuso, angústia, apaixonar, amizade, etc.

Pudemos perceber que ha um grande numero de temas mencionados, como: afetividade, anatomo-fisiologia dos órgãos sexuais, violência sexual, resposta sexual masculina/feminina, papéis sexuais, doenças sexualmente transmissíveis, liberdade, limite e ainda, questões

psico-sociais geradoras de duvidas na adolescência.

obs. Foram citados outros assuntos que não correspondiam a nenhuma letra do acróstico como: masturbação, gravidez, repressão dos pais, prostituição, homossexualismo, homem, namoro, medo, virgindade, mentira, etc. Todos esses assuntos foram aceitos para posterior discussão.

Em seguida, foram formados grupos de quatro ou cinco alunos para elaboração de frases com palavras contidas no acróstico, listadas logo abaixo:

Grupo 1- "A liberdade de viver só existe sem as drogas!"

"Liberdade = somos jovens, queremos ser livres."

"Sociedade, a mesma que um dia lhe apóia, te reprime quando se tem AIDS."

"Aborto: não mate alguém que não tem nada a ver com seus erros."

"Seja corajoso ao encarar os fatos: previna-se das doenças sexualmente transmissíveis."

"Droga: a chance de viver ainda existe em um ser humano."

Grupo 2- "A adolescência é caracterizada pelo desenvolvimento físico e mental. É a fase onde envolve riscos e perigos como por exemplo: as drogas, a AIDS, prostituição, etc. Mas tem seus pontos positivos. Você se descobre, **apaixona, namora**, procura viver mais intensamente, com mais liberdade, porém, **limitada**.

Grupo 3- "A amizade às vezes nos traz insegurança, angústia,

desentendimento pois é difícil se relacionar com pessoas que você convive."

"Quando amamos, nos tornamos **egoistas** conosco mesmo, pois não temos **consciência** das atitudes que tomamos."

Grupo 4- "Mulheres, seres complexos; as mulheres são um eterno aprender Não conseguimos viver sem elas, devemos tentar compreendê-las e sem elas, as "queridas mulheres", neste mundo não haveria reprodução humana. Na nossa opinião elas são essenciais."

"São instrumento de prazer, servem só para o **sexo** ativo."

Grupo 5- "**Confiança**-é um relacionamento muito íntimo que temos com poucas pessoas."

"**Namoro**- é um relacionamento muito amoroso entre duas pessoas que se amam."

"**Dinheiro e prostituição**- A prostituição vem sendo um problema muito grave, não só no Brasil mas em muitos países; muitas das vezes ocorre por dinheiro."

"**Liberdade**- é um risco enfrentado pelos adolescentes que muitas das vezes, chegam à um fim muito triste, como a morte pela imprudência de pensarem que tendo **liberdade** podem fazer tudo."

"**Espancamento**- é a imprudência realizada pelos pais porque acham que como o filho foi gerado deles, podem fazer o que quiserem."

Através da análise dessas frases podemos perceber as concepções que os adolescentes têm acerca dos diversos aspectos que fazem parte de seu cotidiano. Essas frases, depois de lidas e discutidas foram afixadas no mural da escola que fica no pátio onde todos os alunos da escola têm acesso.

Ainda no primeiro encontro e com os alunos dispostos em grupos, propusemos que cada grupo escolhesse e desenvolvesse uma atividade extra-classe, com um dos seguintes temas:

- GT1- **Estudo de caso**- Os alunos devem escrever uma história conflitante relacionada à adolescência, família e sociedade, definindo bem o papel de cada personagem. Depois devem atribuir valores de zero a quatro aos personagens para retratar a opinião de grupo e, no dia da apresentação irão formar um júri com os colegas de classe para julgar o caso.
- GT2- **O que está acontecendo comigo ?**- Os alunos irão preparar uma poesia ou música sobre os aspectos bio-psico-sociais da sexualidade na adolescência.
- GT3- **O meu corpo por dentro e por fora** - modelar em argila ou massa as partes sexuais do corpo e confeccionar cartazes representativos do corpo.
- GT4- **O adolescente e a contracepção:métodos contraceptivos**- os alunos devem pesquisar, selecionar materiais ilustrativos e se utilizar de massa ou argila para modelar os órgãos sexuais e alguns métodos contraceptivos para demonstração dos mesmos.
- GT5- **Teatro**- Os alunos deverão escrever uma história relacionada à adolescência e preparar para a dramatização.

Na parte final desse encontro ele começaram a esboçar esses trabalhos, os quais, serão apresentados em Agosto de 1994 em data a ser definida, para as duas salas de sétima série e provavelmente para a escola.

Para encerrarmos o este encontro divulgamos a existência de uma caixinha na sala da orientadora educacional onde eles poderiam colocar suas duvidas, que não quisessem expor em sala de aula, sem necessidade de se identificarem. Foram colocadas perguntas do

tipo:

- "Para se evitar a AIDS é preciso usar a camisinha. A camisinha impede a saída do esperma. Se uma mulher quiser engravidar e não quiser pegar AIDS como ela deve fazer então ?"

É desnecessário comentarmos a complexidade e a responsabilidade que envolvem questões como essa!

No segundo encontro, a título de aquecimento, desenvolvemos duas técnicas denominadas: - "molho picante" e "ligue-se em seu corpo."

Cada um dos alunos dispostos em um círculo e em pé, representa um tempero: sal, vinagre, azeite e pimenta. O orientador solicita que um dos alunos se dirija para o centro do círculo e, portanto fique sobrando. Quando ele disser o nome de um tempero, por exemplo sal, todos os colegas que representam esse tempero trocam de lugar e o que está no centro tenta pegar um dos lugares para si. E assim sucessivamente. Se ele disser "molho picante" todos trocam de lugar entre si. Ao longo da brincadeira, se quiserem, os participantes podem atribuir uma pena àquele que sobrou no centro.

Essa atividade permitiu aos alunos se socializarem na medida em que interagiram com outros colegas diferente dos habituais. A seguir orientamos que formassem duplas com o colega da direita para realizarmos a próxima atividade:

"Ligue-se em seu corpo": Aqui, um dos componentes da dupla escolhe um local de seu corpo para ser ligado e outro para ser desligado. O outro tenta então, ligá-lo tocando-o no corpo inteiro. Ao ter a parte que o liga tocada, este deverá começar a se mexer e a pular cabendo ao outro desligá-lo. E vice-versa. Ex. o aluno liga-se ao ser tocado no nariz e é desligado ao ser tocado no pé.

Mais uma vez pudemos sentir o quanto as barreiras são quebradas em uma atividade como essa, principalmente porque formam-se duplas

mistas,as vezes com pessoas com as quais não se tem tanta afinidade e/ou com colegas mais intimos, resultando em uma maior aproximação entre os membros do grupo.

Apos este aquecimento passamos a discutir as diferenças entre sexo e sexualidade, indagando aos adolescentes o que pensavam e quais as idéias que lhes vinham a cabeça sobre os temas. Esta idéias foram escritas na lousa sob o titulo de **"tempestade mental: sexo/sexualidade."** Constatamos que muitos confundem os dois conceitos e que os relacionam apenas aos aspectos biológicos. A seguir diferenciámos os dois termos, aproveitando-nos destes conhecimentos prévios apresentados por eles.

Na última etapa desse encontro, reunidos em grupos, eles recomeçaram a discutir entre si sobre os temas dos grupos de trabalho, esclarecendo suas duvidas conosco e consultando material bibliográfico como revistas, livros e apostilas. Vale ressaltar a importância da(in)formação correta do adolescente, pois, neste momento alguns grupos solicitaram nossa orientação para esclarecer dúvidas emergentes da consulta e leitura de revistas como: Carícia, Capricho, Querida, etc.-e livros .Os questionamentos foram os seguintes:

"como se usa a camisinha ?"

"onde o pênis entra?""

"onde se coloca o DIU ?"

"mas... a mulher tem três buracos ?"

"o homem coloca o pênis na vagina e faz o quê, fica parado, mexe ou o quê ?".

Diante dessas questões podemos notar que, mesmo tendo acesso às informações contidas nas revistas, se o adolescente tem dúvidas a nível anatomo- fisiológico, que dirá então, com relação aos aspectos psico-sociais da sexualidade nesta fase !

É urgente e necessário que se faça um trabalho como esse a fim de se colocar em discussão todas as implicações e responsabilidades do exercício da sexualidade na adolescência.

No terceiro e último encontro realizado neste semestre, julgamos pertinente a discussão de algumas dúvidas surgidas no decorrer dos encontros. Primeiramente realizamos uma atividade para verificarmos o que esses adolescentes gostam e não gostam e o que pensam acerca dos colegas e quais suas aspirações nesse momento do programa de Orientação Sexual.

Sentados em círculo, os alunos foram numerados de 1 a 23. Em seguida, apenas os números pares falavam enquanto os demais ouviam. No entanto, observamos que o desenvolvimento da atividade não estava correspondendo às nossas expectativas, pois, os alunos estavam se sentindo pressionados a responder. Então, acatando a sugestão de uma aluna, pedimos a eles que escrevessem sobre si em um papel sem se identificarem. Os papéis foram recolhidos e redistribuídos na sala. Cada aluno lia o seu papel e toda a turma tentava identificar o autor pelas descrições. O resultado foi surpreendente ! À exceção de dois alunos que apenas leram os papéis dos outros pois, não quiseram participar escrevendo, todos se envolveram nesta atividade . Isto propiciou um reforço do auto-conhecimento bem como o conhecimento dos outros colegas.

Percebemos que, ao final desta dinâmica, aqueles que não quiseram escrever ficaram aparentemente deslocados por não do grupo .Aproveitamos o momento para lembrar-lhes o quanto são importantes e o quanto nos interessa conhecê-los para efetivarmos um trabalho de caráter subjetivo como esse.

Posteriormente, realizamos uma dinâmica denominada "concorda ou

discorda". Os adolescentes se posicionaram no centro da sala, em pé e, ao ouvirem cada uma das frases ditas pelo orientador (máximo seis) se moviam para o lado da palavra concorda ou da palavra discorda escritas em cartazes e previamente coladas nos dois extremos da sala. Não é permitido se posicionar no centro da sala, ou seja, não há meio termo; ou concordam ou discordam. Foram essas as frases:

- 1- Na primeira relação sexual não se engravida.
- 2- Prevenir da gravidez é responsabilidade da mulher.
- 3- O uso da camisinha diminui o prazer sexual.
- 4- A mulher pode engravidar se transar menstruada.

Em seguida, pedimos a eles que elaborassem algumas frases, que foram:

- 5- Relação sexual é saudável.
- 6- A mulher pode engravidar sem transar.
- 7- Menstruação é doença.

Observamos que quando as frases 1 e 2 foram colocadas houve uma certa indecisão dos alunosseguida por exclamações do tipo: "eu não sei, não experimentei ainda!"; "Como é que eu vou saber? Nunca fiz nada..."; enquanto para as frases 5 e 7 a certeza e a rapidez da resposta predominaram.

Ao final, discutimos as frases, e para esclarecermos as frases 1,4 e 6 explicamos o ciclo menstrual, a possibilidade de gravidez, suas implicações e responsabilidades na adolescência, etc.

Durante o debate que se seguiu após a explicação, surgiram dúvidas quanto ao uso correto da camisinha e perguntamos se alguém da salatinha uma. Para nossa surpresa, quatro alunos a tinham. Então, abrimos a embalagem e a utilizamos para explicarmos o modo correto de utilizá-la. Posteriormente ela foi passada de mão em mão para que todos a conhecessem. Como a mesma era

lubrificada, algumas garotas sentiram nojo. Houve dúvidas também quanto a maior eficácia ao se usar duas camisinhas juntas e explicamos que o atrito entre elas aumenta o risco de rompê-las. Para encerrarmos, fizemos um breve histórico do surgimento dos métodos contraceptivos de acordo com Aratangy (1989).

Nos demais encontros pretendemos desenvolver as seguintes atividades:

Quarto encontro-

Aquecimento: Pássaro voa-

Dispostos em grupo de três pessoas, duas dão as mãos, enquanto a terceira fica entre as duas, como se fosse um pássaro dentro do ninho. Quando o orientador disser "pássaro voa", as duas pessoas levantam os braços e o pássaro voa buscando um outro ninho. O pássaro que ficar de fora paga uma prenda. Quando o orientador disser "o ninho desmanchou", os pares se separam e se formam novos ninhos com outros pássaros e assim sucessivamente.

O repórter e a pesquisa-

Os participantes, sentados em dupla, elaboram uma pergunta sobre sexualidade possível de ser respondida com poucas palavras. Em seguida, os participantes da dupla sentam-se de frente um para o outro, formando um círculo interno e outro externo. No círculo interno fica um participante de cada dupla com a pergunta e com uma folha de papel e lápis para registrar as respostas dos colegas sem que eles leiam as respostas dos outros. O círculo externo é móvel e o outro participante da dupla irá se movendo no sentido horário e respondendo a todas as perguntas. A seguir pode-se fazer uma inversão, o repórter passa a ser entrevistado e vice-versa. Depois disso, as duplas se reúnem novamente para tabularem os dados com a ajuda do

professor de matemática, se necessário, para posterior apresentação e discussão dos resultados com a sala toda.

Sugestão: Se a turma quiser é interessante ampliar as entrevistas com os outros alunos da escola e depois de tabulados os dados, afixá-los no mural da escola.

De acordo com as questões decorrentes dessa pesquisa, começaremos a discuti-las ainda nesse encontro.

Quinto encontro

Aquecimento: Percepção do corpo-Ritmo e movimento

Com música, todos caminhando pela sala, o orientador vai conduzindo o grupo através dos seguintes movimentos: Vamos nos soltar...o corpo todo...ombros, nuca, pernas, braços...vamos criar novas formas de caminhar...no nosso caminho existem grandes obstáculos: pedras grandes, poças d'água, ladeira...estamos pisando em terra quente, quase pegando fogo...aos poucos vai esfriando...e se transformando em gelo...agora está voltando ao normal...vamos voltar a caminhar no ritmo normal de cada um, prestando atenção e observando seu corpo agora. Cada um escolhe um ponto da sala. Vamos respirar profundamente, contar até dez, segurando a respiração e soltar o ar, três vezes.

Avaliar o que sentiram e perceberam durante a atividade.

Eu diante dos referenciais externos-

Pedir a um aluno que faça um desenho no quadro. Retirar uma parte do desenho, simbolizada pelo giz e entregar ao aluno que fizer o desenho. Colocar uma venda ou tapa-olhos e pedir a ele que coloque a parte do desenho que está faltando no lugar. Os colegas, se quiserem, podem oferecer ajuda e, se for aceita, esta deve ser no sentido de gerar conflito no colega em ação até que ele consiga colocar o desenho no lugar.

Os participantes, agora dispostos em círculo deverão discutir os questionamentos que se seguem. Primeiro o participante voluntário e posteriormente os demais.

O que você sentiu e/ou observou durante a atividade ?

Que importância tem para você os referenciais externos ?

É possível viver sem eles ?

Eles o impediram de ser você mesmo ?

Que relação você faz entre o que foi vivenciado aqui e o que acontece na vida ?

Como lidar com os referenciais externos ?

Após essa discussão, passaremos a responder algumas questões da caixinha de perguntas anteriormente citada.

Sexto encontro

Aquecimento: "Tô ligado na comunicação".

Os participantes, em dupla deverão se comunicar apenas com sua expressão facial, fazendo caretas enquanto o orientador vai direcionando a atividade dizendo: "estamos tristes", "alegres", "assustados", "chorando", etc.

Após a realização desta atividade os alunos deverão dizer o que sentiram durante a mesma.

Eu diante de mim e do outro: Vendo-me através do outro.

O orientador solicita que os participantes formem duplas. Agora sentados no chão, um de frente para o outro cada um deverá fazer a máscara do outro. Enquanto devem conversar sobre o que fazem, gostam... em síntese como são no dia a dia. Devem utilizar de papel pardo, papel de seda amarelo, preto, vermelho, verde e marrom, cola, lã, canetas e pincéis de cores variadas e tesoura. Assim que as máscaras ficarem prontas dar início a apresentação da seguinte maneira:

Um dos componentes da dupla fica sentada na cadeira enquanto seu

par coloca no próprio rosto a máscara que fez para ele, dizendo: Eu sou..... eu gosto de não gosto de... Enquanto isso o dono da máscara, que está sentado e ouvindo o que o seu colega falou sobre ele, vai expressando pela fisionomia se ele é realmente assim mesmo. Posteriormente, eles trocam de lugar e tudo se repete. Para concluir, eles se abraçam e entregam as máscaras aos verdadeiros donos. Em círculo devem fazer a seguinte reflexão: O que aprendi sobre mim mesmo e sobre o outro? O que senti quando o outro falou sobre mim?

Setimo encontro

Apresentação de filmes sobre reprodução, doenças sexualmente transmissíveis e AIDS. Em seguida faremos uma reflexão sobre os mesmos.

Confeccionar um jornal-mural com o resultado de todas as atividades desenvolvidas ao longo dos encontros.

Avaliando o projeto:

O que aprendi? Com os participantes em círculo e sentados no chão, um participante voluntário recebe a ponta de uma linha de um novelo e faz um breve relato do programa e do que aprendeu e assim sucessivamente. Ao final do círculo tem-se uma teia que representa a interligação de todos no conhecimento e na amizade. Para finalizar, de pé e de mãos dadas abre-se o círculo em um ponto e um participante inicia um movimento de zig zag costurando entre si, até que todos se aproximem e se abraçam e se despedem.

Observamos no decorrer desses encontros o quanto esses adolescentes participaram e se sentiram gradativamente tranquilos para discutirem a sua sexualidade. Percebemos que ao final de cada encontro sempre havia grande expectativa pelo próximo. Só para se ter uma noção, nesta escola há um intervalo de cinco minutos a cada cinquenta minutos de aula para o aluno se descontraí, porém

no dia em que se desenvolve o programa, os alunos nem se manifestam para sair da sala.

Em relação aos educadores que compõem a equipe da referida escola, pudemos perceber:

- presença de uma relativa insegurança;
- dificuldade em adotar uma postura social-crítica diferente da tradicional, como orientadores das atividades do programa.

Esse comportamento parece natural quando se trata de um processo educativo dessa natureza, dado a sua inexperiência.

Em outra escola, na qual o programa foi realizado em 1993, a avaliação do trabalho foi feita três meses após o término e portanto, num momento oportuno desprovido de empolgação. A seguir alguns trechos dessa apreciação:

"Diminuiu a timidez para falar de qualquer coisa e principalmente sob sexo; não sabia como evitar a gravidez".

"Me educou para a vida - o porquê de muitas coisas e que não se deve brincar com o sexo".

"Melhorou o nosso relacionamento com amigos ou até com futuros namorados".

"Orientou - mostrou caminhos; questionou - as dúvidas; ensinou - para evitar perigos e situações difíceis".

"Aumentou a afetividade dentre os alunos e destes com os professores"

IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de conhecer melhor a trajetória psico-pedagógica de um orientador sexual nos levou a participar de trabalhos dessa natureza nas escolas e, a uma frequente busca por conhecimentos em sexualidade humana.

A preocupação com a realidade e a perspectiva da Orientação Sexual no cotidiano da escola deu origem a esta pesquisa. Foi motivada pela necessidade de conhecer as dificuldades dos educadores em relação a essa área bem como experimentar uma proposta pedagógica em sexualidade humana e assim conhecer melhor as possibilidades e dificuldades nesta prática.

Uma vez neste percurso, após uma série de experiências, leituras, reflexões, coleta de dados e análise realizadas, pudemos concluir que este é o marco inicial da construção da nossa história como orientadores sexuais.

Nesse contexto, acreditamos que educadores de todas as áreas do conhecimento possam se envolver num programa como esse, desde que satisfaçam aos requisitos necessários. É de fundamental importância que no Curso de Ciências Biológicas - UFU seja feito um estudo a fim de uma incrementação neste, da formação de seus acadêmicos nos aspectos psico-sociais da sexualidade humana.

Diante das tarefas que aguardam pelos orientadores sexuais e das aspirações dos adolescentes, cabe aos educadores fazerem uso de suas funções e atribuições na escola, com vistas à melhoria nas relações interpessoais, conscientizando os adolescentes de suas responsabilidades e com isso favorecer o processo ensino aprendizagem.

Como educadores devemos acreditar que é preciso agir para mudar.

fazer para aprender, viver plenamente para ser feliz, pois como nos disse um adolescente: "Aprendemos vivendo, vivemos aprendendo".

V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARATANGY, L.R. **O sexo e um sucesso.** São Paulo: Ática, 1989. 199p.

BARCELOS, N.N.S. et al (Org.) **O Orientador Sexual e os Recursos Psico-Pedagógicos,** 1994 (em vias de publicação).

BERGER, I. Palestras sobre aspectos da sexualidade para grupos de adolescentes: Relato de uma experiência. **R.B.S.H** (1) 2:101-103 1990.

BERENSTEIN, J. et al. Orientação sexual com adolescentes: Relato de uma experiência. **Rev. Marco** Ano 9 n.5. Ipiranga: S.P, p.73-82. 1988.

BODGAN, R. & BIKLEN, S. K. **Qualitative Research for Education.** Boston, Allyn and Bacon, Inc. 1982 IN LUDKE, M. & ANDRE, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986. p.13

CHARBONNEAU, P-E. **Educação Sexual: Seus fundamentos e seus processos.** São Paulo: EPU, 1979. 210p.

GOUVEIA, M. H. A Influência dos Meios de Comunicação no Desenvolvimento da Sexualidade. São Paulo: Iglu. **R.B.S.H** (1) 3:29-34. 1990.

Guia de Orientação Sexual: Diretrizes e metodologia da pré-escola ao 2o Grau. Trad. e adaptação GTPOS, ABIA, ECOS- São Paulo: Casa

do Psicólogo,1994.112p.

GUIMARÃES, I.R.F. Ilusão e Realidade do Sexo na Escola - Um estudo das possibilidades da Educação Sexual. Campinas:UNICAMP, 1989.p.9.(Tese de Doutorado)

LUDKE,M. & ANDRE, M. E. D. A. Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU,1986.p.11-44.

MAIA, M. B. et al. A (in) Formação Sexual do Adolescente: uma nova proposta. R.B.S.H. (4)1:p.31-36,1993.

SPIEGEL,L.A. Identity and adolescence -N.Y. Paul HOEBER,IND,1961.IN TONELLO,S.R. Aspectos psicológicos e sexuais da Adolescência. Textos do I Encontro Nacional de Sexologia-Febrasgo.p.128,1984.

TONNELO,S.R. Aspectos psicológicos e sexuais da Adolescência. Textos do I Encontro Nacional de Sexologia-Febrasgo. p.127-132,1984.

VITIELLO, N. & VITIELLO, F. Os meios de comunicação de Massa e os adolescentes. R.B.S.H. (4)1:p.15-23,1993.

ANEXO - 1

Universidade Federal de Uberlândia

Curso de Ciências Biológicas: Bacharelado-DEBIO

Orientadora: Prof. Nora-Ney Santos Barcelos

Orientanda: Claudiene Santos

QUESTIONARIO- N: 01 Fevereiro/94

DADOS PESSOAIS

Nome _____

Idade _____ Sexo _____ Estado Civil _____

End. profissional: Escola _____

Bairro _____ Turno _____

Tem filhos? Sim () Não () Quantos? _____

Idade _____ Sexo _____

Escolaridade: () curso superior concluído no ano _____

() curso superior em andamento

() outros _____

Nome do Curso _____

Qual disciplina ministra? _____

QUESTÕES

1-Sua escola trabalha com Orientação sexual Sim () Não (),
já trabalhou Sim () Não () ou pretende trabalhar Sim () Não ()

2 Se não trabalha por quê? _____

3-Você já participou de algum trabalho desta natureza? Sim ()
Não (). Justifique _____

4-Você acha que Orientação sexual deve ser feita apenas pelo prof
de Ciências? Sim () Não () Por quê? _____

5-Você tem interesse em ser Orientador sexual? Sim () Não ()
Por quê? _____

ANEXO -2

Universidade Federal de Uberlândia
Curso de Ciências Biológicas-Bacharelado-DEBIO
Orientadora: Nora Ney Santos Barcelos
Orientanda: Claudiene Santos

Prezado educador:

Conto com sua colaboração, para realizar uma pesquisa intitulada:
O Orientador Sexual na Escola: realidade e perspectiva. Desde já
nossos agradecimentos.

Questões:

1- Você tem alguma formação em Orientação sexual? Qual ? Qual é a
sua experiência em sala de aula como Orientador sexual?
Justifique.

2- O que levou você a se interessar por esta área do conhecimento?

3- Quais são as facilidades e/ou dificuldades pessoais e/ou
administrativas que você já encontrou e/ou encontra ao abordar o
tema sexualidade.

4- Que recursos (didáticos e humanos) você tem disponíveis e/ou
utiliza para trabalhar sexualidade com seus alunos?

5- Que conteúdos devem ser trabalhados nessa área?